

Arquitectura do Renascimento e Barroco
2010
Jardins e Palácio da Quinta da Bacalhôa
Jardim e Palácio dos Marquês de Fronteira

Introdução	1
Palácio e jardins da Bacalhôa	3
Palácio e jardim dos Marqueses de Fronteira	11
Conclusão	21
Bibliografia	23

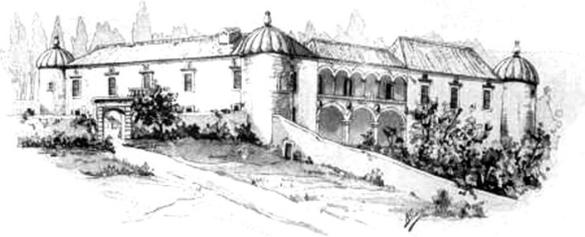
Com este trabalho pretendemos uma reflexão, do ponto de vista arquitectónico, sobre a percepção e contexto histórico e artístico dos períodos do Renascimento, Maneirismo e Barroco e a sua análise e interpretação dos seus aspectos espaciais, formais e conceptuais com vista a servir de modelo e inspiração para futuras estratégias, conceitos e ideias e sua aplicação na actualidade.

Pretendemos também que seja uma reflexão académica os conjuntos de edificado enumerando as suas características e experimentando os seus conceitos e modelos espaciais renascentistas, maneiristas e barrocos.



Palácio e Jardins da Bacalhoa

A Quinta da Bacalhoa é uma antiga propriedade da Casa Real Portuguesa. Esta, com o seu famoso palácio da Bacalhoa ou dos Albuquerque, situam-se na pequena aldeia de Vila Fresca de Azeitão. É considerada a mais formosa quinta da primeira metade do século XVI, ainda existente em Portugal.



PALACIO DA FACALHOA EM VILLA FRESCA DE AZEITÃO

A construção da quinta centrou-se no jardim, sendo este a peça mais trabalhada do conjunto e estando todas as outras peças articuladas e implantadas em função deste, tal era a importância do jardim que a fachada e entrada principal do edifício estavam voltadas para este e o acesso nobre da casa era feito percorrendo o jardim, o actual acesso não era mais que as traseiras da casa, os estábulos e alojamentos dos criados.

O jardim desenvolve-se em socalcos que acompanham o terreno e definem as várias partes da quinta, situando-se nas plataformas mais elevadas e com maior visibilidade sobre a paisagem a casa e o lago e sala de fresco onde claramente se pretendia uma posição privilegiada em relação à paisagem e à quinta. Entre a casa e o lago encontra-se actualmente uma vinha no local do antigo pomar, que se estende ao longo dos socalcos e é ladeada por duas ruas a uma cota mais elevada e que são rematadas por dois pavilhões com escadarias que descem à cota do antigo jardim. O jardim prolongava-se por outro patamar a uma cota mais baixa, este já limitado por um muro alto pontualmente guarnecido de torreões.

A planta e percursos da quinta apresentam-se bastante ortogonais, revelando uma antecipação projectual da construção da mesma através de instrumentos geométricos revelando a sua natureza renascentista.

O actual portão de entrada, (antiga entrada de serviço) abre para um desafogado pátio quadrangular onde, à esquerda, se ergue a casa de traços clássicos e uma escadaria de acesso ao primeiro piso, este pátio corresponde às traseiras da casa e era ocupado pelos servos e pessoal que trabalhava no palácio, sendo limitado nos quatro cantos por torreões e ao longo dos seus muros encontramos vários bebedouros para os animais que ocupavam os estábulos em frente às traseiras do palácio.



Do lado oposto à casa fica o surpreendente jardim, dividido em compartimentos que enquadram uma fonte, seguido por um pomar ordenado e um grande tanque quadrado delimitado por um pavilhão de telhado piramidal contendo na cabeceira, pela parte Sul, cinco casas de prazer armadas com colunas de jaspe e forradas de azulejos. Este destaca-se pelos seus magníficos painéis de azulejos do século XVI. O pavilhão do lago, também chamado de “Casa de Pesca”, segue o esquema italianizante da casa: as arcadas assentes directamente em colunas e os pequenos nichos a sobrepular as aberturas das portas.





O pomar tem duas ruas cercadas de alegretes e ladrilhos, numa das ruas há uma casa quadrada com quatro janelas em que estão pintadas as histórias da Índia e uma outra casa a que se chama casa dos pombos, com um bufete de jaspe a meio. A importância construtiva do espaço é revelada pelo enquadramento que as duas ruas, rematadas por pavilhões, fazem com a paisagem e a própria topografia do local aferindo ao conjunto construído um sabor de teatro grego aberto sobre a paisagem.



No jardim, para além do tanque, o jardim encontrava-se circundado por vários pavilhões abobadados, guardando no seu interior algumas pedras de altar, devendo estes ter feito parte do percurso de uma Via-sacra.



No século XV pertenceu, como quinta de recreio, a João, Infante de Portugal, filho do rei D. João I. Herdou-a D. Brites, casada com o segundo duque de Viseu e mãe do Rei D. Manuel I.

Ainda existentes os edifícios, os muros com torreões de cúpulas aos gomos e também o grande tanque foram beneficiações mandadas construir por D. Brites.

A quinta viria a ser vendida a D. Brás de Albuquerque, filho primogénito de D. Afonso de Albuquerque. O novo proprietário enriqueceu as construções com azulejos, mandou construir uma harmoniosa casa de fresco junto ao tanque e dois robustos pavilhões junto aos muros laterais.

A quinta incluía uma vinha, casas de criados, lagares de azeite e vinho, estrebaria e cocheiras.



O Palácio da Bacalhoa constitui um belíssimo exemplo de arquitectura civil renascentista de meados do século XVI onde em todas as fachadas é notória a preocupação pela simetria dada pela distribuição alternada de portas, janelas e frestas ao estilo renascentista, apesar de ainda mostrar alguns elementos duma primitiva edificação, como as abóbadas ogivais dos finais de Quatrocentos e os seus torreões quinhentistas que emanam já certas características maneiristas no seu aspecto formal e nas suas coberturas em gomos.

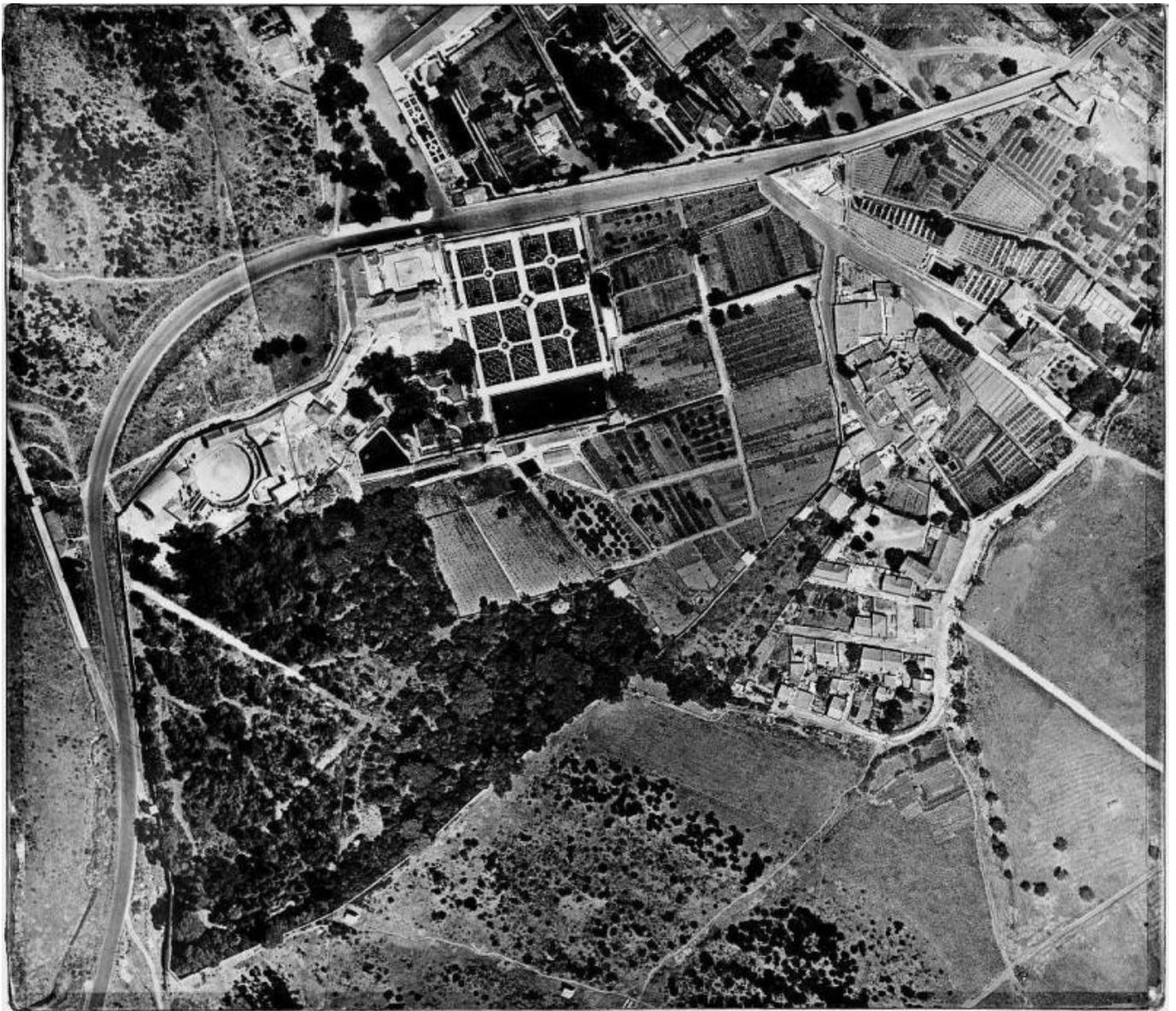
Arcadas assentes sobre colunatas, como é exemplificativa uma das fachadas marcada por *loggia*, ornada de típicos medalhões com bustos esculpidos e janelas sobrepujadas por pequenos nichos ocupados com bustos clarificam a natureza renascentista da construção.

O gosto italianizante domina na sua planta em L e nos alçados ao sabor renascentista em que são visíveis as qualidades de moderação, economia formal, austeridade, equilíbrio e harmonia tão características do pensamento do Renascimento.



O palácio e quinta da Bacalhoa apresentam três idades e influências das épocas: duas casas de João Vicente ou do príncipe D. João, mestre de Santiago; palácio e cerca torreada de D. Brites e construção de Afonso de Albuquerque. A presença de fragmentos do século XV é fundamentada, segundo o autor, no facto de ter encontrado duas casas com abóbadas em ogiva e de arestas cujas nervuras nascem tão próximo do chão, a não restar dúvida que o pavimento correspondente deve achar-se muito soterrado e de que se levantou outro sobre ele para alcançar o novo nível.





Palácio e Jardins dos Marqueses de Fronteira

O palácio, quinta e jardins dos Marqueses de Fronteira constituem um excelente exemplar de quinta de recreio seiscentista e de arquitectura civil residencial erudita de características maneiristas e barrocas cujo núcleo central parece veicular o modelo das “villae” renascentistas italianas. A elegante fachada principal denota um grande controlo nas proporções e domínio do tema que permite uma composição muito equilibrada e adequada e, apesar do conjunto ter sido edificado em época maneirista e de serem claros e evidentes as suas influências, especialmente na concepção dos jardins e espelhos de água, todo ele tem um gosto já quase barroco pelos seus nichos, frestas e vãos falsos bem como pelo pormenor das janelas mas no entanto ainda muito maneirista na sua composição geral, patente no uso de duas ordens de colunas nos cantos do edifício e na fachada principal em U, com o corpo central recuado a formar um pátio de antecipação ao momento da entrada na casa.

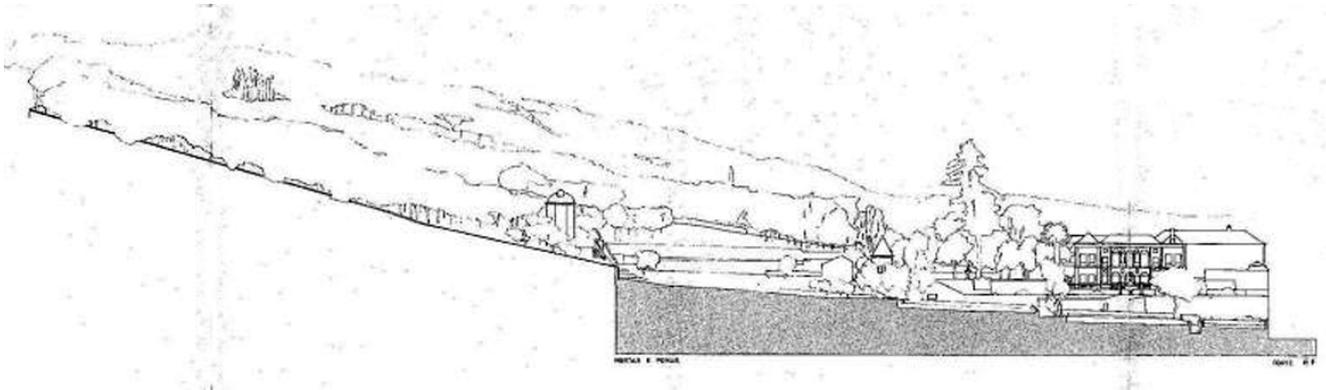


O edifício integra-se num espaço uno, abrangendo mata, pomares, hortas e jardim, este último, surgindo como cenário de aparato de forte efeito cénico devido em grande parte ao impacto decorativo do revestimento de azulejo.

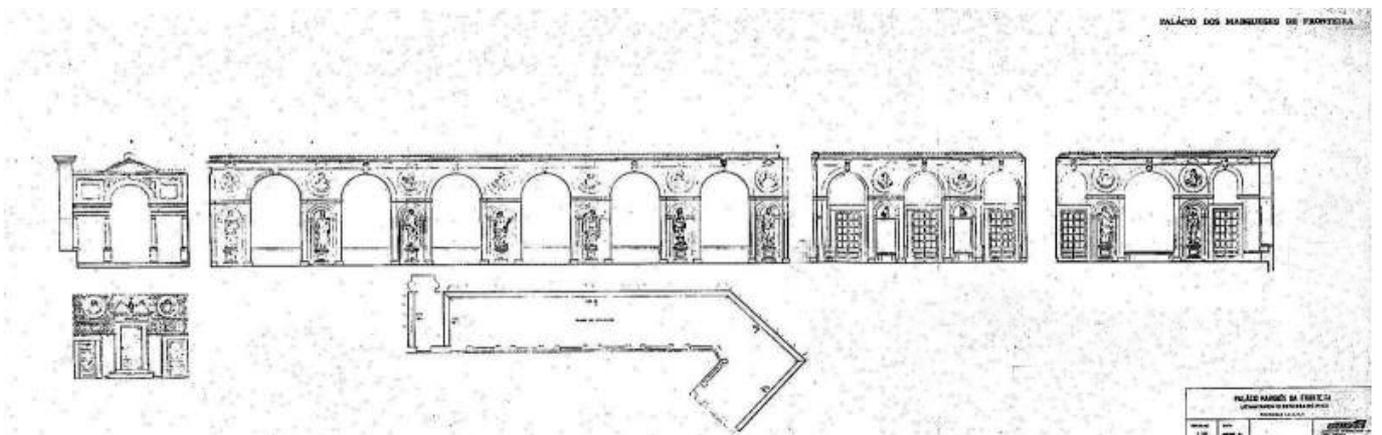
Contém um espólio particularmente representativo da azulejaria portuguesa de temática profana do último terço do século XVII, apresentando grande diversidade de soluções decorativas aplicadas numa íntima relação com a arquitectura.

Conjunto significativo de uma fase de transição estilística com uma coexistência de situações tardo-maneiristas e barrocas.

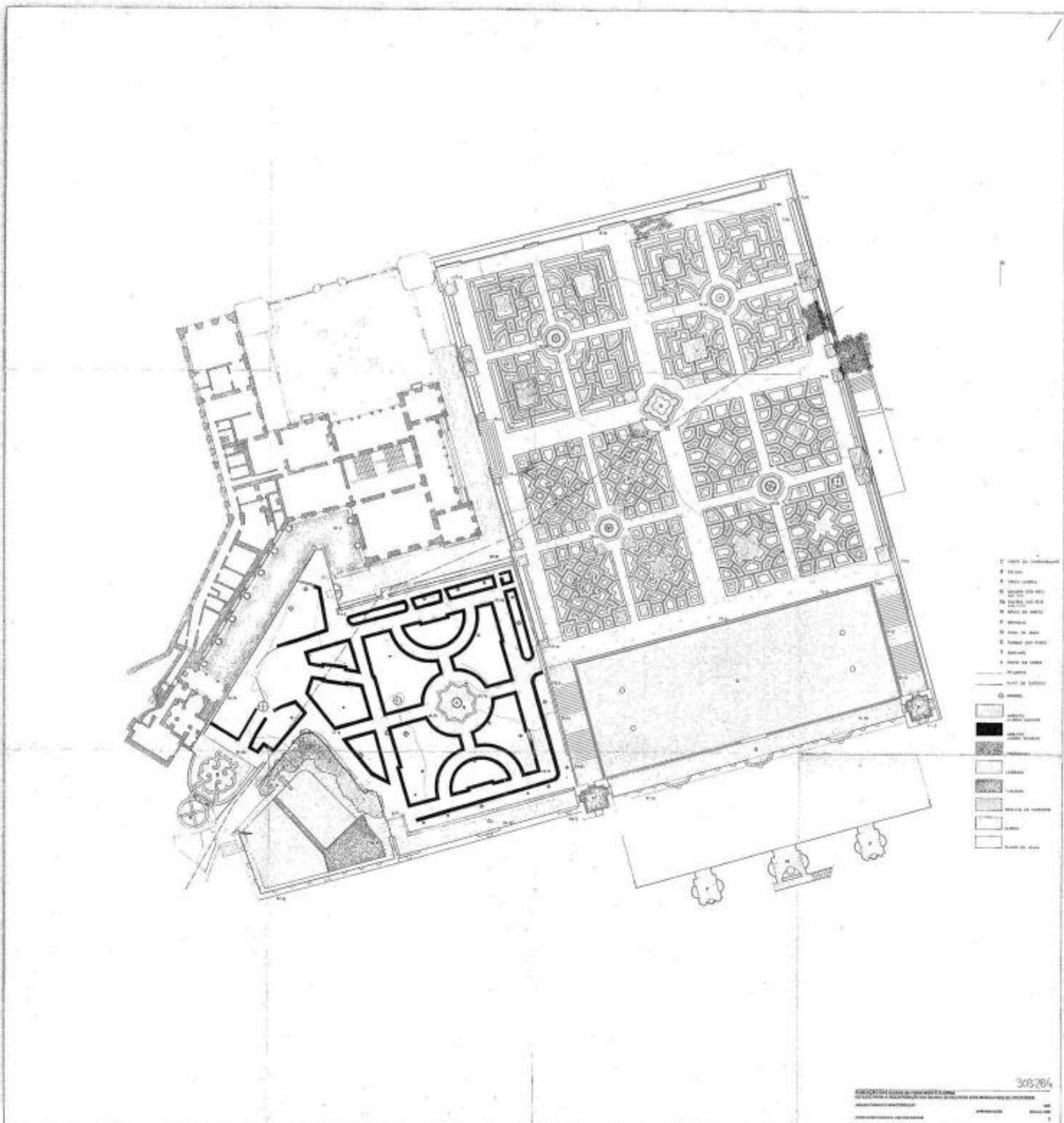
O edifício é composto por paredes autoportantes e tem como materiais de construção alvenaria mista, reboco pintado, cantaria de calcário, mármore, estuques pintados, azulejos (séc. XVII, XVIII e XIX), cerâmica, chumbo e ferro forjado.



O palácio e jardim dos marqueses de Fronteira está num enquadramento urbano, isolado por pátio, jardim e mata murada, em colina de pendente suave da encosta Norte da serra de Monsanto.



A propriedade possui perímetro hexagonal irregular em que o palácio se implanta no seu extremo Noroeste, tendo a Sul o denominado jardim de Vénus e a mata, e a Este o jardim formal, rematado pela Galeria dos Reis.

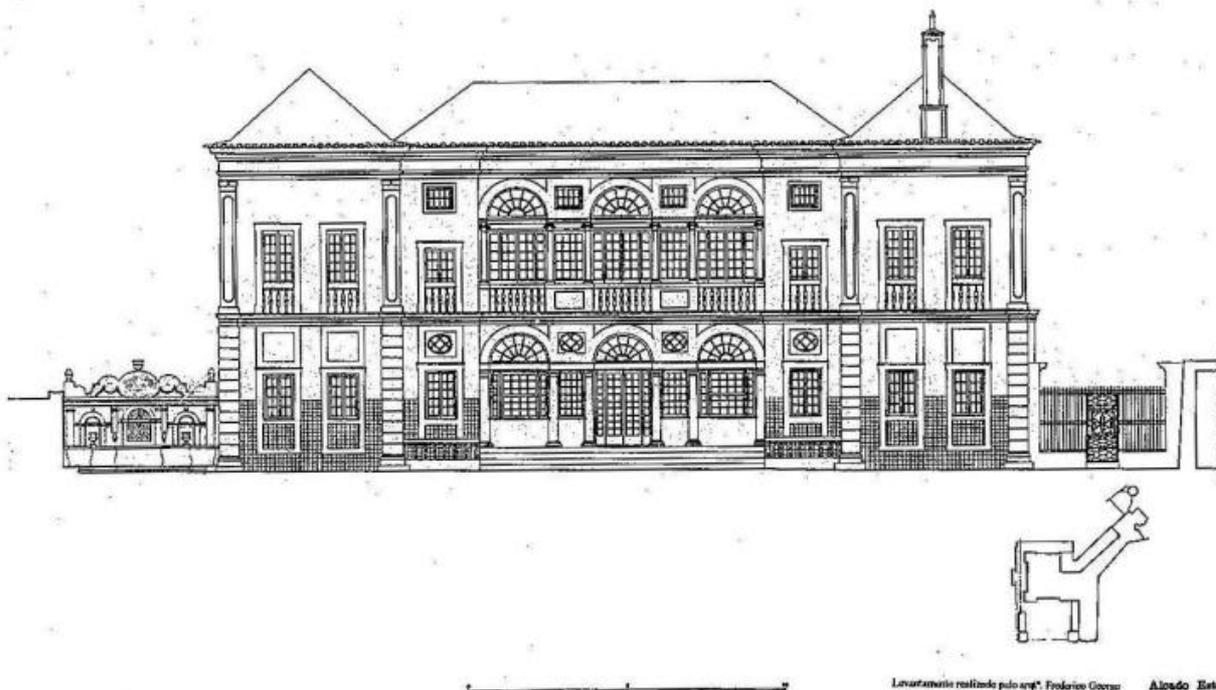


O edifício é de planta irregular, composta por corpo central sensivelmente quadrado, enquadrado por torreões em três dos ângulos, ligeiramente avançados e precedidos a Norte por pátio de estrutura quadrangular que marca o acesso à entrada principal.

As coberturas são diferenciadas com telhados de quatro águas e o edifício organiza-se em três corpos de dois pisos.

No corpo central, ao nível do primeiro piso, um pórtico dá acesso ao átrio por cima do qual se abre uma loggia de arcos de volta perfeita.

O corpo Noroeste, acrescentado posteriormente no terceiro quartel do século XVIII, forma um bloco rectangular adossado ao pátio, destacando-se o alçado Norte marcado por três janelas coroadas de frontão e varanda nobre.



A fachada Sul acompanha o desnível do

terreno e a fachada Este, cuja loggia foi fechada no século XIX para servir de biblioteca, repete o esquema compositivo da fachada Norte.

O interior organiza-se a partir de dupla escadaria de aparato que liga o átrio ao andar nobre, do qual se acede a uma galeria ou terraço, em cujo topo se situa a capela.

As salas, maioritariamente rectangulares, revelam pela sua decoração as várias campanhas de obras que decorreram no edifício.

No vestíbulo e escadaria, de duplo pé direito, a balaustrada de mármore e os azulejos de padrão remetem para a construção de origem (século XVII), a pintura de marmoreados nas paredes, a ornamentação de estuque bem como a pintura sobre estuque do tecto, devem-se às obras do século XVIII.

O salão nobre, dito Sala das Batalhas, tem silhares de azulejo de composição figurativa alusivos às guerras da Restauração (século XVII). As paredes e tectos são decorados de estuque ornamental e figurativo, destacando-se os retratos (em estuque) dos titulares da casa.

A sala dos painéis representa através de azulejos holandeses representando episódios da mitologia, cenas campestres e paisagens fluviais; Destaque também para a biblioteca, situada na loggia Este coberta por abóbada de berço estucada.



Na ala Noroeste é notável o dito “Quarto de Aparato”, actualmente uma sala de estar. No alçado Este merece destaque a sala do primeiro piso do corpo central (loggia que dá para o Jardim Formal ou Jardim Grande). Ladeando esta sala estão as torrinhãs Norte e Sul.

No exterior, a parede do terraço dito “Das Artes”, que corresponde à parede exterior da Sala das Batalhas e da Sala dos Painéis, é totalmente revestida de azulejos de composição figurativa e ornamental. Ainda No topo do terraço, encontra-se uma capela de planta de cruz latina, com nave única e transepto cobertos por abóbadas de berço que se intersectam no cruzeiro, precedida por nartex com singular decoração de temática profana, composta por painéis de azulejo alusivos a divindades fluviais, sendo a parte superior das paredes e tecto totalmente revestidos de embrechado.

Do terraço das Artes, por escada, desce-se para o jardim de Vénus, a sul do qual está a casa de Fresco, construção invulgar pelo consenso da componente decorativa, à base de azulejo de composição figurativa e de embrechados de composição ornamental. A metade superior da frontaria, revestida de embrechado, reproduz um pórtico cujo remate em frontão relevado, ladeado por dois pináculos e preenchido por cartela com as armas da primeira Marquesa de Fronteira, D. Madalena de Castro.

O interior conjuga magistralmente o revestimento embrechado (tecto e parte superior das paredes) e os painéis de azulejo.

Em frente da casa de fresco situa-se o Recinto do Lago da Carranquinha, espaço em forma de ferradura que tem ao centro um lago, dito Lagos dos S; este recinto é limitado por muros laterais com bancos adossados, conjunto integralmente revestido de azulejo.

Do lado da fachada Sul situa-se a Fonte da Carranquinha, com espaldar de três nichos separados por pilastras, conjunto totalmente revestido por embrechado.



A sul situa-se o lago, limitado por um muro imponente revestido a azulejo, nesta parede abrem-se três grutas revestidas de embrechado, tendo a do meio um grupo escultórico alusivo ao Parnaso. A parte superior da parede constitui uma galeria, dita “Galeria dos Reis”, também revestida a azulejo e com os bustos dos reis de Portugal; acede-se a esta galeria por escadarias laterais que conduzem a pavilhões de planta quadrada e cobertura piramidal, revestidos exteriormente de azulejo.

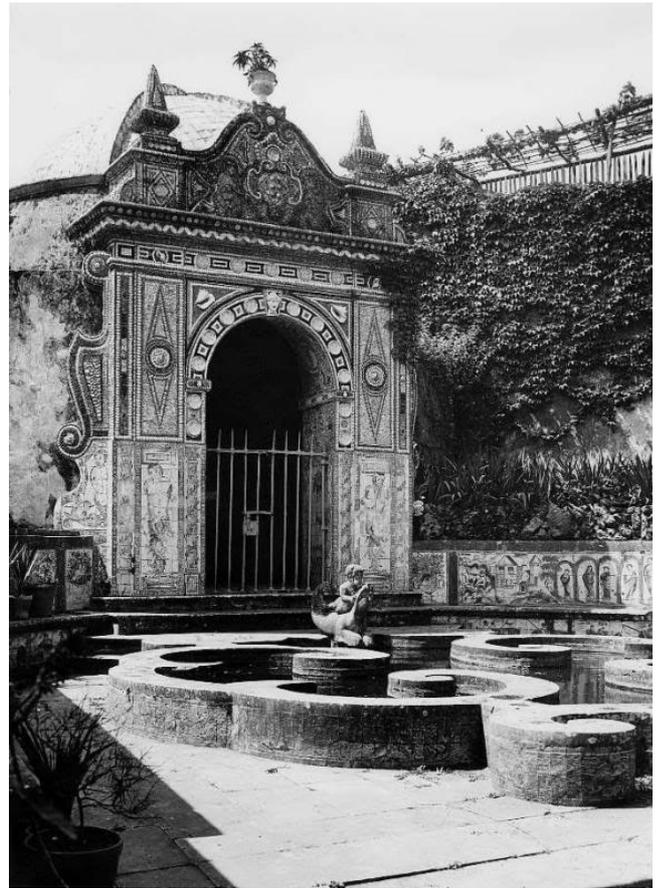
A natureza geométrica e lúdica dos jardins relembram a organização do renascimento mas já com um fortes características tardo-maneiristas e barrocas por possuírem maior dinamismo, contastes mais fortes, maior dramaticidade, exuberância, realismo e uma forte tendência ao decorativo, características comuns a todo o edifício construído que simbolizam ao mesmo tempo a rígida organização do sistema e o seu poder de persuasão. O jardim emprega também um sistema de construção que alonga as perspectivas, sendo este efeito incrementado pelo emprego da hidráulica e de espelhos de água onde o reflexo permite prolongar as perspectivas. A arte topiária também é muito relevante no jardim.



A arquitectura apresenta-se como uma síntese singular de dinamismo e sistematização e que tenta pertencer a um sistema absoluto e ao mesmo tempo mais aberto e dinâmico. A sua fachada da entrada principal em U, de claras inspirações maneiristas e similar a muitas outras fachadas principais das “villae” italianas e é falsa pois não corresponde à estrutura do edifício que se apresentam com uma forma de N. O próprio edifício já comporta um nível de ornamentação, decoração e elementos construídos que reportam já ao período do final do maneirismo e barroco sendo constituído por elementos espaciais de interacção moldadas por forças internas e externas.



A existência da mata que se encontra no extremo Norte da propriedade, apesar do seu porte e dimensão, é pouco perceptível e quase nula a sua presença em relação ao conjunto da mesma. A Casa Nobre assume-se como o elemento dominante, logo a seguir ao Jardim Formal.



A experiência de percurso é notória neste conjunto: a alameda do Jardim Formal acentua o percurso até à Casa Nobre e as suas perspectivas pelo seu desenho ortogonal, estas mais perceptíveis observadas da entrada da casa que vai desembocar na fachada principal da casa e ao terraço das Artes, espaço de carácter mais íntimo e privado que ajuda a resolver a transição topográfica para o Jardim de Vénus, acessível por uma escadaria, sendo que também têm um carácter de jardim privado e íntimo e que, por sua vez, liga ao lago da Carranquinha que já se encontra novamente na zona mais pública e face à vista do conjunto, o lago possui umas escadarias de mármore que levam à Galeria dos Reis, que se encontra nas traseiras da parede do Lago da Carranquinha mas á cota mais elevada, e, finalmente, aos pavilhões de cobertura pirâmidal que antecipam as estruturas agrícolas de hortos e pomares da propriedade.

Este palácio foi construído com uma utilização inicial residencial embora a sua utilização actual seja tanto residencial como cultural, a sua época de construção foi entre o século XVII e XVIII. Existe uma inscrição visível na capela que data de 1584, pelo que se depreende a existência de um primitivo núcleo datável do século XVI (cerca de 1665/1673).

O Barroco foi uma continuação natural do Renascimento, porque ambos os movimentos compartilharam de um profundo interesse pela arte da Antiguidade clássica, com a diferença de interpretarem e expressarem esse interesse de formas diferentes. Enquanto no Renascimento as qualidades de moderação, economia formal, austeridade, equilíbrio e harmonia eram as mais buscadas, o tratamento barroco de temas idênticos mostrava maior dinamismo, contrastes mais fortes, maior dramaticidade, exuberância e realismo e uma tendência ao decorativo, além de manifestar uma tensão entre o gosto pela materialidade opulenta e as demandas de uma vida espiritual. O propósito da arte barroca era simbolizar ao mesmo tempo a rígida organização do sistema e o seu poder de persuasão, a arquitectura apresenta-se como uma síntese singular de dinamismo e sistematização. A necessidade de pertencer a um sistema absoluto e ao mesmo tempo mais aberto e dinâmico é uma atitude essencial desta época. A importância construtiva do espaço sugerida pelo maneirismo é visível no período barroco, o edifício barroco é constituído por elementos espaciais de interacção moldada por forças internas e externas. Podemos definir o barroco como um “teatro” onde a cada um é atribuído um papel.

Referências bibliográficas:

NORBERG-SCHULZ, Christian, 1979, *Arquitectura Ocidental*, Barcelona; Gustavo Gili, 1983.

DIAZ-PLAJA, Guillermo, 1940, *El Espíritu del Barroco - Tres interpretaciones*, Barcelona, Editorial Apolo,

Referências de imagens:

<http://www.skyscrapercity.com/>

Fotografias de Mário Novais do Arquivo Fotográfico da Fundação Calouste Gulbenkian

Google Earth